

UNIÕES EXOGÂMICAS DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS NA FRONTEIRA DO BRASIL

*Wilson Fusco**
*Sylvain Souchaud***

A

união exogâmica de uma população imigrante na sociedade de recepção é frequentemente interpretada como sendo uma estratégia de integração da parte do próprio migrante. A palavra estratégia traduz a idéia que, de certa forma, existiria uma intenção por parte do migrante de tirar algum benefício a mais na união com um autóctone, benefício essencialmente individual e não diretamente ligado ao casal. Assim, considera-se em geral que, pela união exogâmica, o migrante vai se beneficiar de uma melhor integração na sociedade de recepção: seja pela obtenção da documentação e a simples possibilidade de permanência, seja pela obtenção de um estatuto social superior, já que a união traria uma posição ou uma ascensão social imediata no caso de união entre indivíduos de classes sociais diferentes. Afinal, a exogamia do migrante resultaria em sua integração na sociedade de recepção.

Essa perspectiva, mais centrada no migrante, completa-se com o que seria a perspectiva da sociedade de recepção. A exogamia, desde os trabalhos da escola de sociologia de Chicago, seria um elemento central no processo de assimilação dos migrantes. A assimilação envolve um processo cultural (aculturação e adoção dos padrões culturais da sociedade de recepção), social (refletindo-se em nível de escolarização, de renda, no setor de atividade) e biológico (mestiçagem que ocorreria nas gerações seguintes). Dessa forma, a união exogâmica seria, de fato, o indicador de um fator de assimilação do grupo migrante¹ e marcaria, de certa forma, o fim do ciclo migratório.

No entanto, como menciona Safi (2008), os negros norte-americanos e os irlandeses nos Estados Unidos seriam exemplos contrários à teoria clássica, embora ainda válida em

muitos casos. Os negros americanos, apesar de terem conhecido um forte processo de aculturação e de assimilação (reforçado por uma longa trajetória de migração nos Estados Unidos), ainda apresentam baixíssimos níveis de exogamia, e seguem fortemente diferenciados socialmente². Os irlandeses, por sua vez, mantiveram por muito tempo uma forte endogamia, independentemente de sua eficiente inserção socioeconômica.

Por último, em situações inversas, correspondentes a uma forte exogamia, não se verificam níveis de inserção socioeconômica acima do de outros grupos de imigrantes. Esse é o caso dos negros originários do Caribe residentes na Inglaterra, cuja exogamia é elevada e os seus níveis de escolarização e rendimento são mais baixos, se comparados com esses indicadores aplicados aos indianos ou chineses (Muttarak apud Safi, 2008).

Esses elementos brevemente expostos evidenciam como a exogamia de um grupo imigrante não apaga as fronteiras sociais, mas torna mais complexo o posicionamento do indivíduo na sociedade, sendo sua integração muito variável segundo as fronteiras consideradas. Por outro lado, verificamos mais uma vez que, tanto para o migrante como para o conjunto da população, a integração se define como construto em função de alguns critérios subjetivos, frente aos quais existe uma obrigação de êxito, como, por exemplo, na educação, na renda e, até mesmo num âmbito mais individual: na união.

Neste texto, queremos contribuir para o debate a partir da observação dos comportamentos matrimoniais dos bolivianos no Brasil. Apesar da população boliviana ser encontrada em alguns pontos específicos no Brasil, insistiremos no caso de Corumbá,

cidade limítrofe com a Bolívia, situada no estado do Mato Grosso do Sul, onde se observam arranjos matrimoniais diferenciados e para a qual dispomos de uma pesquisa domiciliar realizada em 2006.

CORUMBÁ: CIDADE DE FRONTEIRA, CIDADE DE IMIGRAÇÃO

Segundo o censo demográfico realizado em 2000 no Brasil, das mais de 680 mil pessoas nascidas no exterior, metade vivia no estado de São Paulo; o estado do Rio de Janeiro ficava em segundo lugar, com 20% dos não naturais. Quando restringimos esse contingente às pessoas nascidas na Bolívia (pouco mais de 20 mil pessoas), São Paulo continua em primeiro lugar, também com 50% dessa população, mas Rondônia (12%) e Mato Grosso do Sul (9%) são os estados com as maiores concentrações subsequentes.

A imigração boliviana no Brasil ocorre desde os anos 1950, mas ela vem ganhando força nos últimos dez a quinze anos. Hoje, os migrantes concentram-se principalmente na cidade de São Paulo (que abriga mais de 38% dos nascidos na Bolívia e residentes no Brasil), motivo pelo qual grande parte dos estudos acadêmicos sobre essa população circunscreve as análises a esta cidade (Buechler, 2004; Cymbalista & Xavier 2007; Silva C., 2008; Silva S. 2005, 2003, 1997). No entanto, os bolivianos estão presentes em outros lugares do país, e de forma marcante na fronteira internacional (Souchaud, Carmo, Fusco 2007).

A cidade de Corumbá é um lugar que agrega muita população boliviana. Segundo os dados do Censo do IBGE, residiam 1.022 imigrantes do país vizinho na cidade de Corumbá em

2000³, o que representa o segundo maior volume de imigrantes bolivianos no Brasil, atrás somente de São Paulo. Considerando o peso dos migrantes na população total da cidade, eles representam 1,2% dos corumbaenses, percentual expressivo e muito acima do que é verificado em São Paulo (0,07%)⁴. Apesar disso, Corumbá não é o lugar onde a população boliviana tem o maior peso, característica, na verdade, de outra cidade de fronteira, Guajará-Mirim, em Rondônia, na qual 2,8% dos habitantes são nascidos na Bolívia. É importante insistir que o Censo subestima a presença boliviana, por sub-registro, e segundo estimativa da Pastoral do Migrante local, a população boliviana em Corumbá seria de aproximadamente 8 mil indivíduos.

Além de sua importância demográfica, a imigração boliviana em Corumbá distingue-se bastante, tanto historicamente quanto sociologicamente, daquela verificada em São Paulo. O fluxo tem sido um pouco mais intenso nos últimos dez anos, de forma similar ao que acontece em São Paulo, mas a imigração, nesta fronteira, é mais antiga, sendo significativa desde os anos de 1950, quando se intensifica a integração binacional, principalmente a partir da construção da estrada de ferro na região, cuja obra foi concluída em 1954 (Manetta, 2009). Nas entrevistas que fizemos em Corumbá ao longo do ano de 2006, a década de 1950 foi mencionada numerosas vezes como sendo importante na aceleração do processo imigratório. A infraestrutura ferroviária não somente trouxe facilidades para a circulação, mas também muitos trabalhadores – nordestinos e bolivianos, principalmente – que seriam empregados nas obras ligadas à implantação da estrada de ferro.

Os bolivianos em São Paulo, por sua vez, são especializados na confecção têxtil e, segundo o censo (IBGE, 2000), 39% dos que trabalham são operadores de máquina de costurar roupa. Em Corumbá, a atividade principal dos migrantes é o comércio. Essa especialização entende-se pela localização da cidade, sendo a fronteira um lugar predileto para os comerciantes. Além disso, Corumbá desenvolveu há muito tempo e com bastante êxito essa função comercial. É importante mencionar que o forte empenho dos migrantes no setor comercial tem como consequência a feminização do fluxo. Com efeito, as atividades comerciais, seja nas feiras, seja na venda ambulante, são tradicionalmente desprezadas socialmente nas culturas andinas (quíchua e aymará, principalmente) da Bolívia, e geralmente “deixadas” às mulheres.

As origens geográficas dos bolivianos em Corumbá são também diferentes das dos imigrantes em São Paulo. São, ao mesmo tempo, diferentes e mais diversificadas. Esse elemento é importante, já que a variedade cultural da Bolívia se reflete na distribuição espacial, logo a migração em Corumbá oferece mais diversidade étnica. Os migrantes em Corumbá são originários, em sua maior parte, do departamento vizinho: Santa Cruz. Mas observamos a presença de populações andinas, pertencentes às culturas quíchua e aymará.

Nessa breve apresentação das especificidades da imigração boliviana em Corumbá, percebemos que seu estudo pode alimentar o conhecimento desta população migrante. Além disso, a antiguidade do fluxo e a diversidade cultural da população migrante nos permitem observar com maiores detalhes o processo de integração dos

migrantes, visto por meio das uniões exogâmicas.

ARRANJOS FAMILIARES DOS IMIGRANTES BOLIVIANOS

Para estudar os arranjos familiares e as uniões endogâmicas ou exogâmicas dos bolivianos em Corumbá, utilizaremos os dados de uma pesquisa domiciliar realizada em 2006, que juntou informações sobre uma amostra não representativa de 215 domicílios corumbaenses, os quais contam com pelo menos um dos chefes nascido na Bolívia⁵. Dentro destes domicílios encontramos 268 famílias (segundo o conceito de família utilizado pelo censo demográfico do IBGE, pode-se encontrar mais de uma família dentro de cada unidade domiciliar, chamadas de famílias conviventes), dentre as quais pelo menos 222 tinham como responsável (ou cônjuge deste) uma pessoa nascida na Bolívia.

A imigração em Corumbá, segundo os nossos dados, é marcadamente feminina (tratando-se da população adulta), fato este importante para se ter presente ao longo da análise. Desta forma, dentre a população dos chefes de família e seus cônjuges nascidos na Bolívia, 289 no total, 65% (188) são mulheres e 35% (101) são homens. Espera-se, portanto, um maior número absoluto de casos de exogamia entre as mulheres do que entre os homens⁶.

Nessa população de imigrantes chefiando famílias em Corumbá, existem várias modalidades de arranjos familiares. Primeiro, cabe observar que uma porção importante, 90 pessoas (31%), vive sem cônjuge; podemos dizer, adicionalmente, que tais pessoas vivem com um ou mais filhos, talvez até com outros parentes e agregados. Depois, outros 134 indivíduos imi-

grantes (46%) vivem como casais de bolivianos, isto é, em pares endogâmicos. Por fim, o restante dos imigrantes, ou seja, 65 pessoas (23%) vivem com um cônjuge brasileiro em uniões exogâmicas.

Duas observações decorrem desses dados. Em primeiro lugar, alguns dos migrantes bolivianos em Corumbá parecem seguir um dos padrões clássicos da migração, segundo o qual a migração é comportamento associado a adultos sem parceiros (cônjuges), geralmente em migrações arriscadas (por falta da documentação necessária, por exemplo). Esse adulto pode estar acompanhado de filhos ou de outra pessoa não cônjuge e, geralmente, tem pouco tempo de residência no destino. Isso não implica que o migrante seja solteiro, ele pode ter um cônjuge, o qual se manteve com ou sem os filhos no lugar de origem, assumindo uma atividade profissional ou mantendo uma casa. Essa opção corresponde ao objetivo de acumular rapidamente recursos e fontes de renda, ou simplesmente visa diminuir o peso financeiro da migração (caso fossem muitos os membros da família a migrar) ou limitar os impactos dos riscos inerentes a muitas migrações (no caso das migrações ilegais e/ou de permanências sem a documentação regular). A reunião do casal pode ser um objetivo a médio prazo, relativo ao tempo acumulado na migração.

Segundo, podemos dizer que em aproximadamente metade das famílias compostas por casais o imigrante vive em união (oficialmente casado ou não) com uma pessoa nascida no Brasil. A exogamia seria, então, muito comum entre os imigrantes que vivem em casais, embora a população migrante em sua totalidade não tenha adotado o modelo de união vigente na sociedade

de recepção. Essa nuance, mostrando duas situações extremas de um mesmo fenômeno, reflete não somente diferenças iniciais entre os migrantes como também o caráter dinâmico da migração. Com efeito, a migração se define em função do ciclo de vida e, ao mesmo tempo, ela alimenta e acelera a construção das etapas do ciclo vital. A população migrante, além de se caracterizar por perfis diferentes no momento da emigração, experimenta muitas situações de vida durante o período migratório, e essa variedade de situações familiares e individuais, em conjunto com a alta velocidade com que se modificam os arranjos familiares dos próprios migrantes na sociedade de recepção, reflete nos resultados da pesquisa.

Dentre as 222 famílias com pelo menos um responsável nascido na Bolívia, 40% (90 casos) eram monoparentais e 60% (132 casos) eram constituídas por casais. Destes, 65 eram casais exogâmicos, ou seja, um dos cônjuges era nascido no Brasil e o outro na Bolívia. Aproximadamente 72% dos casais exogâmicos (47 casos) eram constituídos por mulheres nascidas na Bolívia, e a minoria, 28% (18 casos), por esposos bolivianos. Essa proporção maior de mulheres bolivianas nos casais exogâmicos poderia ser interpretada como resultado da maior presença generalizada das bolivianas em todas as chefias de família, já que nos arranjos familiares nos quais um dos responsáveis tenha nascido na Bolívia, as mulheres bolivianas registradas como responsável ou cônjuge correspondem a 65% do total de casos. Esta superioridade numérica, no entanto, não explica a diferença apontada com relação aos casais exogâmicos, pois apesar de serem volumes pequenos, a ponderação dos números sobre exogamia com relação

à composição por sexo entre os imigrantes – especificamente os registrados como responsáveis pela família – ratifica a constatação de que as mulheres nascidas na Bolívia seguem o modelo de casais mistos mais frequentemente que os homens. Será que as bolivianas se comportam dessa maneira seguindo uma estratégia, nos moldes descritos no início deste texto? Ou será que a união exogâmica era a opção mais provável, em função da fragilidade da mulher imigrante associada à menor disponibilidade de parceiros conterrâneos?

Ademais, esse diferencial real, mas pouco importante quantitativamente, sugere que os dois sexos alimentam o modelo exogâmico. É provável, ainda, que isso ocorra por razões (ou segundo esquemas) diferentes. Considerando as interpretações baseadas nos diferenciais socioeconômicos entre membros de casais, costuma-se observar que as mulheres migrantes entram em uniões exogâmicas com mais frequência quando são pobres, ao contrário dos homens, cuja probabilidade de casar com uma mulher do país de recepção aumenta na mesma proporção que sua própria renda. O casamento de mulheres imigrantes decorreria, por exemplo, de uma desigual acessibilidade e integração no mercado de trabalho entre homens e mulheres. Essa acessibilidade deficiente e desigual (o acesso é desequilibrado, assim como os salários), no caso das mulheres, resulta de vários fatores diretos (discriminação nas condições de acesso ao emprego, desvalorização de suas capacidades, etc.) ou indiretos (nível educacional mais baixo em consequência de um acesso limitado)⁷ que visam desqualificar as mulheres no mercado de trabalho e fariam com que a possibilidade de ascensão social *via* união com alguém em melhores

condições financeiras fosse a alternativa mais realista. No casamento com uma autóctone, o homem migrante “consolidaria”, de certa forma, sua posição social superior. Nos dois casos de exogamia, as mulheres, muito mais do que os homens, são equivalentes mais a objetos de troca do que a indivíduos que compartilham o mesmo motivo de aspiração ao matrimônio.

A distribuição dos imigrantes nascidos na Bolívia segundo o sexo mostra também que as mulheres aparecem com mais frequência nas famílias monoparentais (39% contra 16%), enquanto que os homens se concentram fortemente nos casais endogâmicos (66% contra 36%). Quando observadas essas bolivianas na chefia de famílias monoparentais, das quais fazem parte seu(s) filho(s) e, talvez, outros parentes e agregados, verifica-se que 70% delas têm pelo menos um filho nascido no Brasil. Além disso, essas mulheres têm uma média de 58 anos de idade e de 40 anos de tempo de residência no Brasil. Ou seja, a maior parte dessas mulheres está em avançado estágio de seu ciclo vital familiar, e com muito tempo de vida em território brasileiro. Muitos de seus filhos já têm netos – também nascidos no Brasil – e sua inserção na sociedade de recepção parece estar bem consolidada. Por outro lado, quase metade das mulheres classificadas como responsáveis em famílias monoparentais declarou estar separada ou solteira (ainda que com filho), e grande parte dessas bolivianas é jovem e com tempo de residência no país relativamente curto. Essas mulheres podem ter experimentado a vida no interior de uniões endogâmicas e seus arranjos familiares atuais serem resultado da dissolução do casal. Tais imigrantes podem, no futuro, decidir voltar a seu país com seu(s) filho(s) brasileiro(s) ou continuar no Brasil e

(re)planejar sua situação matrimonial, provavelmente com um parceiro brasileiro, se a situação atual se configurar como tendência.

O TEMPO E AS FORMAS DE UNIÃO

Evidenciada a variedade de arranjos familiares e modalidades de união, cabe considerar a inserção do migrante na sociedade de recepção – especificamente, neste caso, em termos de seu comportamento matrimonial – a partir do estudo do tempo acumulado na migração. A idade é fator que define a posição, o papel, de qualquer indivíduo em sociedade, mas no caso do migrante a mudança de lugar de residência é um elemento a mais que influencia nos modos de sua socialização. Esses dois parâmetros, tempo e espaço, combinam-se para acelerar e reforçar, voluntária ou involuntariamente, a integração do indivíduo na sociedade. O resultado do processo migratório pode ou não se concretizar satisfatoriamente, mas é importante lembrar que se o projeto de migração leva uma ambição, um objetivo de superação individual, a sociedade como um todo, nos lugares de saída e recepção, não deveria esperar dos migrantes mais que dos demais membros do grupo⁸.

Assim, podemos pensar que a tendência de um grupo de imigrantes à exogamia cresce em função do tempo de residência de seus membros no lugar de destino. Com efeito, os chefes de família e seus cônjuges nascidos na Bolívia que formam casais endogâmicos (aproximadamente 50% de todos os casais) têm a mediana de tempo de residência no Brasil em 15 anos, enquanto os imigrantes bolivianos que são responsáveis pela família em casais exogâmicos têm essa mediana em 25 anos.

Poderíamos considerar, também, o tempo de residência dos imigrantes na chefia de família monoparental, acrescentando, assim, um grupo à nossa análise. Mas seria preciso “filtrar” o passado matrimonial dessas pessoas, especificamente para retirar do grupo quem se separou ou ficou viúvo. E, de fato, isolando os viúvos e os separados nessas famílias monoparentais, a mediana do tempo de residência no Brasil cai de 41 para 26 anos, ao mesmo tempo em que a mediana de idade cai de 59 para 50 anos, evidenciando a associação entre idade, situação do ciclo vital familiar e a exposição ao maior tempo de experiência migratória. Essa associação não se relaciona com as hipóteses deste trabalho, segundo as quais a união exogâmica seria um indicativo de maior integração do indivíduo migrante, ou de que a integração aumentaria com o passar do tempo, mas ela mostra como o processo migratório é um fator importante na dinâmica demográfica de um grupo social, conforme se afirmou anteriormente.

Outro problema surge ao estudar o tempo de residência: seria importante considerar o período de passagem de um estado conjugal a outro, de um comportamento endogâmico a um comportamento exogâmico. A exogamia de um grupo, no caso dos migrantes bolivianos, não depende somente deles como indivíduos, que é a forma como tendemos a considerá-los quando analisamos os dados. É preciso pensar que a própria sociedade de recepção evolui com o passar do tempo e modifica suas referências e atitudes perante os grupos alóctones, de forma genérica, por um lado, e segundo sua origem geográfica mais específica, por outro. Evidentemente, esse movimento não é linear, mas varia muito de um grupo a outro, e se define em função

de movimentos estruturais e fatos conjunturais, de ordem econômica (crises) ou política (relações internacionais).

Além disso, devemos considerar que a própria composição sócio-econômica do fluxo e seu perfil cultural evoluem. Disso resulta que, em primeiro lugar, a migração se transforma e, em segundo lugar, essa mudança vai implicar em contato com uma população diferente na sociedade de recepção, porque parece que os grupos sociais tendem a procurar ou relacionar-se com seus “semelhantes” na migração também, mesmo se a migração tende a favorecer uma leve, mas imediata, ascensão social. O refugiado político dos anos de 1970, por exemplo, apresentava um perfil urbano e qualificado, diferente dos bolivianos rurais e sem qualificação que, junto a nordestinos, chegaram a Corumbá nos anos de 1950 para a construção da estrada de ferro, enquanto que o predominante hoje é uma mão-de-obra pouco qualificada, cujas origens ou experiências são mais urbanas. Essas características vão determinar as modalidades de contato com a sociedade de recepção, pois cada grupo vai se posicionar espacialmente e socialmente de forma diferente, envolvendo segmentos diferentes da sociedade de recepção. Assim, a questão das origens desses migrantes será abordada no próximo segmento.

A IMPORTÂNCIA DAS CULTURAS E LUGARES DE ORIGEM DOS MIGRANTES

Não estudaremos a possível variabilidade da sociedade receptora, mas tão somente a da população boliviana, enfocando uma característica espacial: a origem geográfica

dos migrantes. Já existem estudos sobre essa questão, refletindo sobre como identidades territoriais tendem a se reproduzir na migração (Souchaud, S. e Baeninger, R., 2008 e 2009).

Na Bolívia, em 2001, 50% da população declarou ser indígena (INE, 2006). Essa proporção varia dentre os nove departamentos e atinge seus valores mais elevados nas regiões *altiplânicas* e mais baixos nos departamentos de planícies, e essa divisão topográfica coincide com uma disposição meridiana. Os departamentos orientais (com exceção dos departamentos de Chuquisaca e Tarija, que têm um perfil complexo) são regiões baixas, onde a proporção de indígenas varia entre 12% e 22% da população. Nos departamentos ocidentais, nas regiões altas, andinas, a proporção de indígenas varia entre 60% e 81% da população total. Em 2001, do total de indígenas com mais de quatro anos de idade⁹, 41% aprenderam a falar quéchua, 27% aimará e 1,2% guarani, para mencionar as três principais línguas/culturas indígenas. Em 2001, 78% dos falantes da língua aimará moravam no departamento de La Paz e 61% dos falantes do idioma quéchua moravam nos departamentos de Cochabamba e Potosí. Em síntese, a sociedade boliviana andina é muito marcada pelas culturas quéchua e aimará (INE, 2006).

Observamos em nossa pesquisa de campo que a maioria dos imigrantes chefes de família nasceu no departamento de Santa Cruz (73%), região de planície pouco marcada pelas culturas indígenas andinas. Por outro lado, temos uma proporção menor (27%) de chefes imigrantes que nasceu nos Andes. A partir desta informação podemos comparar o comportamento em termos de exogamia das duas populações. Somente oito pessoas do altiplano (ou

12% deles) vivem em casais exogâmicos, sendo que 53 pessoas originárias do departamento de Santa Cruz (ou 25% deles) vivem essa forma de união. Esse dado se confirma na distribuição dos casais endogâmicos, para os quais a proporção de andinos sobe para 75% do total e a dos *cruceños* baixa para 38%.

Existiria, então, um efeito de distintividade maior no que se refere à questão da união exogâmica entre as populações andinas e as populações das regiões baixas da Bolívia, perante as populações brasileiras de Corumbá. Essa diferenciação é até mencionada pelos próprios moradores de Corumbá quando alguns, em certas ocasiões, insistem nas diferenças culturais que existem entre os andinos, as quais tenderiam a alimentar sua marginalização. Mas esta diferenciação poderia ser uma mera extrapolação subjetiva de diferenças de fenótipo, sendo os andinos mais facilmente identificados pelos aspectos físicos e rapidamente estigmatizados. Essa constatação deriva de observações elaboradas a partir de outros aspectos de sua socialização, segundo as quais os andinos conseguiam uma inserção na sociedade local, como ficou comprovado após o exame de seus lugares de residência na cidade ou de suas atividades profissionais (Souchaud, Baeninger, 2008).

CONCLUSÃO

Foi nossa intenção, neste trabalho, mostrar a associação do comportamento matrimonial de imigrantes bolivianos residentes no lado brasileiro da fronteira com elementos temporais e espaciais. A forma de inserção do migrante na sociedade de recepção é, muitas vezes, vinculada às modalidades de união em termos de endogamia ou

exogamia. Tais modalidades, por sua vez, são mais ou menos valorizadas – e até consideradas em termos de estratégia – em função de aspectos próprios da população nos lugares de origem e de destino, como cultura e economia locais, além de, especificamente para o caso de Corumbá-MS, políticas para região de fronteira, entre outros. Os dados resultantes de nossa pesquisa de campo, por sua vez, permitiram-nos elaborar quadros que mostram a estreita relação entre o tempo de residência, a região de origem do migrante e as opções de união em termos de endogamia ou exogamia.

A exogamia é um indicador da integração do migrante, mas não pode ter sua importância supervalorizada. Ao chegar à sociedade corumbaense, o migrante boliviano constrói e reforma suas fronteiras sociais em função da organização social local, mas também em virtude de seus próprios modelos de socialização, os quais carrega consigo como marcas de sua diferença. O mesmo povo boliviano, por sua vez, tem diferentes formas de interpretar e entender o mundo, dependendo de seu lugar e cultura de origem. A maior proporção de casos de endogamia entre os andinos, por exemplo, não pode ser imediatamente associada à dificuldade ou falta de interesse em termos de inserção desses migrantes, mas devemos aguardar – uma vez que migrantes originários da região *altiplânica* estão há menos tempo em Corumbá – para avaliar, por meio de outros indicadores, como eles se comportam, ou como estariam as gerações seguintes, caso eles decidam por se fixar permanentemente em território brasileiro.

Além disso, pudemos ver que o espaço fronteiriço tem características originais e complementares em relação, por exemplo, a São Paulo.

Esta cidade e suas particularidades de região metropolitana, apesar de sua riqueza e complexidade, não tem todos os elementos encontrados na população migrante de cidades como Corumbá e Guajará-Mirim. Estas e outras cidades brasileiras têm condições únicas de oferecer atrativos a migrantes, seja pela legislação específica em regiões de fronteira internacional, seja pela situação de proximidade espacial e, conseqüentemente, com melhor logística para a circulação de pessoas, bens e serviços. Em Corumbá, especificamente, tivemos também a ocorrência da construção da estrada de ferro, há mais de 50 anos. Considerando todos esses fatores, encontramos na cidade uma grande diversidade de perfis entre os bolivianos, o que amplia muito as possibilidades de análise da migração e de outros elementos associados, tal como o comportamento exogâmico dos migrantes na sociedade de destino.

* **Wilson Fusco é demógrafo, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).**

** **Sylvain Souchaud é geógrafo, pesquisador do Institut de Recherche pour le Développement (IRD-França) e colaborador do Núcleo de estudos de população (NEPO-UNICAMP).**

NOTAS

1 - Assimilação, integração e inserção descrevem o mesmo processo, mas com intensidades diferentes, sendo a assimilação um processo mais radical, completo e definitivo. No entanto, refletem também, em sociedades de intensa imigração, posturas ideológicas bastante diferenciadas, até opostas, num debate mais sensível.

2 - Inúmeros indicadores comprovam esse fato: desemprego, renda, situação nas cidades, escolarização, índice de encarceramento, taxa de mortalidade por causas violentas, etc.

3 - Cabe mencionar que consideramos neste estudo exclusivamente a área urbana do município de Corumbá que conta com 85.686 habitantes, ou seja, 90% da população total do município. Os imigrantes bolivianos, por sua vez, apresentam uma concentração de 97% na área urbana (IBGE, 2000).

4 - Nos dois casos existe um sub-registro dos imigrantes em proporções equivalentes (acreditamos), o qual tende, portanto, a se anular, permitindo comparar variáveis.

5 - A documentação da pesquisa pode ser consultada no sítio da internet: <http://www.nepo.unicamp.br/fotos/encuestacorumbaout2006.pdf>

6 - Neste texto, toda vez que mencionarmos uma relação ou posição não especificamente associada a um sexo, aplicaremos o masculino, seguindo a regra gramatical, para não carregarmos o texto. Por exemplo, para falar dos chefes e das chefas de família, escreveremos "os chefes de família" "e não "o(a)s chefe(a)s de família".

7 - Esses fatores tendem a desaparecer rapidamente.

8 - É o que acontece quando, ultrapassando o âmbito individual ou familiar, espera-se das remessas financeiras dos migrantes benefícios econômicos e sociais para a sociedade em geral.

9 - Curiosamente, os menores de 4 anos são considerados como não falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUECHLER, Simone

(2004) "Sweating It in the Brazilian Garment Industry: Korean and Bolivian Immigrants and Global Economic Forces in Sao Paulo". *Latin American Perspectives*, 31(3), p. 99-119.

CYMBALISTA, Renato & XAVIER, Iara Rolnik

(2007) "A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade". *Cadernos da metrópole* (17), São Paulo, p.119-133.

INE

(2006) *Bolivia: Características sociodemográficas de la población indígena*. La Paz, INE.

MANETTA, Alex

(2009) *Dinâmica populacional, urbanização e ambiente na região fronteira de Corumbá*. Dissertação de mestrado, departamento de demografia, Unicamp, Campinas.

SAFI, Mirna

(2008) "Inter-mariage et intégration: les disparités des taux d'exogamie des immigrées en France". *Population*, 63 (2), Paris, INED, p.267-298.

SILVA, Carlos Freire da

(2008) *Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecção em São Paulo*. Dissertação de mestrado, departamento de sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Sidney Antônio da

(1997) *Costurando Sonhos. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo, Paulinas Editora.

SILVA, Sidney Antônio da

(2003) *Virgem / Mãe / Terra. Festas e tradições bolivianas na metrópole*. São Paulo, Hucitec / Fapesp.

SILVA, Sidney Antônio da

(2005) *Bolivianos*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

SOUCHAUD, Sylvain; CARMO, Roberto Luiz do; FUSCO, Wilson

(2007) "Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: A fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai." *Teoria & Pesquisa*, XVI (1), São Carlos, p. 39-60.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana

(2008) "Collas e Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul". *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, ABEP, p. 271-286.

SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana

(2009/previsto) "Etudier les liens entre les migrations intérieures et internationales en suivant les trajectoires migratoires des Boliviens au Brésil". *Revue Européenne des Migrations Internationales*, Poitiers.

Fusco W., Souchaud Sylvain. (2009).

Unioes exogamicas dos imigrantes bolivianos na
fronteira do Brazil.

Travessia, (63), p. 33-38. ISSN 0103-5576.